



## Enoturismo

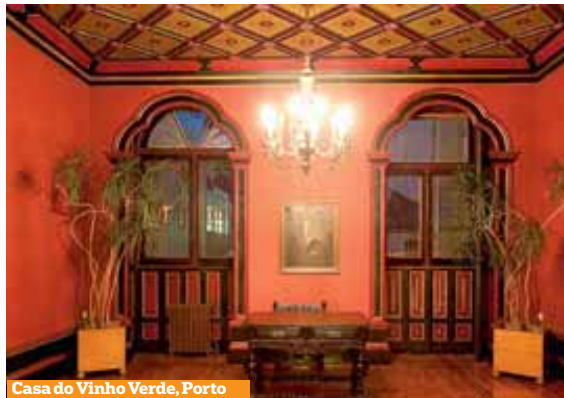
Promoção parece ser “santo-e-senha” nos solares do vinho. As estratégias podem ser distintas, de mas o objectivo é assumirem-se como montras emblemáticas para os produtos vînicos e para a sua começam saltar do papel e a ganhar forma real. **Andreia Marques Pereira** fez os textos e **Nelson**

# Os solares onde os vinhos (tam

Quando em 1946 foi criado o Solar do Vinho do Porto em Lisboa, o Instituto do Vinho do Porto (IVP) registou o nome. Foi o primeiro “Solar do Vinho do Porto”, mas já antes havia existido um bar do vinho do Porto, no mítico Hotel do Estoril. “Foi a primeira iniciativa na vertente promocional”, diz Carlos Soares, do Instituto de Vinhos do Douro e Porto (IVDP I.P.), numa altura em que “os escanções nem podiam aconselhar marcas”. Isto passou-se em 1936, três anos depois da criação do IVP (agora IVDP I.P.). Depois desse primeiro, surgiram os solares na Régua e no Porto, onde estamos num final de tarde meados de Novembro, em ambiente tranquilo. É um *wine bar*, este solar, onde os escanções já podem recomendar marcas - e fazem-no quando solicitados, dependendo do perfil do cliente - entre as 250 referências que aqui se encontram. “Oitenta por cento de categorias especiais”, sublinha o responsável, no que constitui uma “oferta ímpar, quase única de vinho do Porto”. E a oferta do solar não se fica pelo vinho mais afamado de Portugal - há ainda 80 referências de vinhos do Douro. “Para nós, instituto, os solares são espaços privilegiados de promoção do vinho do Porto”, assume Carlos, “permitindo ao turista ter contacto com uma gama alargada de marcas e desfrutar de informação”.

Promoção sempre foi a palavra-chave da marca Solar do Vinho do Porto. Promoção parece ser “santo-e-senha” em todos os solares do vinho. Dependendo das idiossincrasias das regiões e até das entidades responsáveis, as estratégias podem ser distintas e as valências podem não coincidir, mas o objectivo é sempre assumirem-se como montras emblemáticas para os produtos vînicos e, com maior ou menor incidência, para a sua cultura. São quase salas-de-estar para enófilos, curiosos e profissionais - e quase todos querem ser mais.

Nos solares do vinho do Porto, a promoção passa sobretudo pelo contacto com o produto no próprio espaço - ou através da sua compra, embora “com limitações”, e ainda de outros materiais, como livros temáticos (do vinho e da região), decantadores, cálices. Por isso,



Casa do Vinho Verde, Porto

os espaços não foram escolhidos à toa, “são sempre ambientes agradáveis”. O solar original, o de Lisboa, está instalado num palácio setecentista em pleno Bairro Alto, no epicentro da vida nocturna lisboeta, “sempre resistiu a modas” e se por estes dias está fechado (a reabertura será em Dezembro) e apenas devido a obras de manutenção; o da Régua instalou-se no antigo Armazém 43 da Casa do Douro, entre pipas de vinho. Aqui, há “outros aproveitamentos do espaço”: além do bar, o “solar”, concessionado à Confraria dos Enófilos da Região Demarcada do Douro, o complexo dispõe de um auditório, instalado numa antiga tanoaria, e alberga o Museu do Douro numa parceria entre as duas instituições.

No solar do Porto, estamos em pleno território oitocentista - na Quinta da Macieirinha, que alberga também o Museu do Romântico, tudo nas traseiras do Palácio de Cristal. No corpo principal do edifício, recria-se a atmosfera da alta burguesia portuense do século XIX e homenageia-se a memória do Rei Carlos Alberto do Piemonte, que aqui passou os últimos meses da sua vida no exílio; num andar inferior, com vista privilegiada para o rio, entramos em território do vinho do Porto. O ambiente é contemporâneo com traços tradicionais - há um certo charme discreto da burguesia bem contemporânea nos interiores de luzes suaves e um olhar à burguesia de antanho no jardim formal que é esplanada-miradouro a percorrer a paisagem desde as caves do Vinho do Porto em Gaia até ao mar, para lá da Ponte da Arrábida.



Solar do Vinho do Porto

Tudo para satisfazer uma clientela em que “70 a 80 por cento” dos casos vem de fora - hoje, atrevemo-nos a avaliar, será 90 por cento em cerca de duas dezenas de pessoas. É um valor que em Lisboa, por exemplo, sobe ligeiramente - por isso mesmo o horário também é mais alargado. “O vinho do Porto em Lisboa é o solar”, explica Carlos Soares. No Porto há também “as caves, o ambiente natural”. E mesmo para os portugueses, em Lisboa, avança, o solar é o local privilegiado para a compra.

Mas a venda não é realmente o forte dos solares - para tal, foi criada a Loja de Vinhos do Porto e do Douro, na delegação

do IVDP no Porto, onde além da venda de vinhos, há sala de provas, um circuito de visitas pelos laboratórios onde o vinho é certificado e informação sobre a região onde este é produzido. Pode abrir as portas para uma visita ao Douro, portanto; no solares essa informação é mais informal, e a visita pode “esgotar-se” ali - até porque não só dos vinhos da mais antiga região demarcada portuguesa se faz a oferta dos solares: do Douro chegam outros produtos que acompanham o vinho - e não só do Douro, adianta Carlos Soares, também há outros produtos nacionais, DOP, como queijos, enchidos, chocolates, doçaria conventual.

No entanto, para o próprio IDVT os solares, que têm todos as mesmas valências, são salas de recepção. “As actividades de promoção do instituto fazemo-las aqui. Recebemos em casa” - para provas comentadas, jantares temáticos, lançamentos de livros. Além de que os solares estão abertos às empresas do sector que não tenham espaço de acolhimento e podem reservar-se para eventos mais exclusivos - que nunca os fecham na totalidade: “O cliente tem sempre acesso”, enfatiza Carlos Soares, recordando, por exemplo, que a última vez que o Solar do Porto fechou foi na recepção à Rainha da Holanda, na abertura da Porto 2001. Uma excepção, portanto, nas salas de estar do Vinho do Porto, uma porta aberta para o vinho do Porto e do Douro.

## Os Vinhos Verdes começam no Porto

Não muito longe daqui, na Casa dos Vinhos Verdes, que também é sede da Comissão Vitivinícola Regional dos Vinhos Verdes (CVRVV), o desafio é “convidar as pessoas a irem à região vitivinícola mais próxima”. Que é, bem entendido, a dos Vinhos Verdes. “As pessoas não sabem que a quinta produtora mais próxima é na Maia”, lamenta Manuel Pinheiro, presidente da CVRVV. “Saem do metro e já está”. A cidade do Porto nesta estratégia é “essencial”, como “atração maior do Norte”, onde o turismo está cada vez mais activo.

A passar por um período de reestruturação, a Casa - que não é solar porque “o nome é



Casa do Vinho Verde



pendendo das idiossincrasias das regiões e até das entidades responsáveis, cultura. Cada vez mais aliado à lógica do enoturismo das rotas vínicas que Garrido as fotos

# bém) habitam



indiferente”, mas até calha bem porque transmite “valores mais jovens do que ‘solar’” - está, por enquanto, praticamente fechada aos visitantes, que são recebidos por marcação. Neste caso, o que é feito é uma pequena visita guiada por algum dos funcionários da CVRVV, que abrem algumas das portas do Palacete Silva Monteiro, um edifício do século XIX em traça neoclássica que chegou a ser considerado “a casa mais luxuosa do Porto”. É uma “casa de brasileiros” onde não se poupou na ornamentação, como se vê nas pinturas nas paredes, no lambris, nos dourados e estuques, em alguns tectos intrincados como tapeçarias pintadas. Quem não quiser visitar a casa - os jardins, formais em “esplanadas” sobre o rio, estão sempre abertos - pode receber alguma (escassa) informação sobre a região e comprar alguns (poucos) produtos relacionados com o vinho. Isso vai mudar até à Primavera quando passará a estar (mais) aberta à cidade e visitantes, mas com um “interface” suave.

Poder-se-ão descobrir alguns dos espaços do edifício oitocentista forma sistemática, com uma exposição interactiva sobre os sabores e aromas do vinho verde, por exemplo, e terminar nos jardins e na esplanada com uma prova de vinho - ou não. “Queremos um espaço livre, mais para usufruir o local do que apenas provas”, refere Manuel Pinheiro. Querem também ser um “pivot” de envio de pessoas para a região, já com alguma informação, mas não necessariamente toda. Através do projecto PROVERE Minho In está a constituir-se uma rede em torno da Rota do Vinho Verde para levar as pessoas aos vários locais.

A Casa do Vinho Verde vai ter aí uma nova função - a de ser o ponto de partida para a rota. Que tem estado muito parada, reconhece Manuel Pinheiro, mas a preparar-se então para desenvolver as suas potencialidades, assente no diagnóstico resultante de um estudo recentemente

## Moradas

### Solar do Vinho do Porto - Porto

Quinta da Macieirinha  
Rua de Entre Quintas, 220  
Porto  
Tel.: 226094749  
Fax: 226097793  
Email: solarporto@ivp.pt

### Solar do Vinho do Porto - Lisboa

Rua de S. Pedro de Alcântara, 45  
Lisboa  
Tel.: 213475707  
Fax: 213478392  
Email: solarlisboa@ivp.pt

### Solar do Vinho do Porto - Régua

Rua da Ferreirinha  
Peso da Régua  
Tel.: 254320960  
Fax: 254320969  
Email: solar dovinhodoporto@gmail.com  
www.ivp.pt

### Casa do Vinho Verde

Rua da Restauração, 318  
Porto  
Tel.: 226077300  
Fax: 226077320  
Email: info@vinhoverde.pt  
www.vinhoverde.pt

### Solar do Alvarinho

Rua Direita  
Melgaço  
Tel.: 251410195  
Email: solar doalvarinho@cmmelgaco.pt  
www.cmmelgaco.pt

### Solar do Vinho do Dão

Rua Dr. Aristides de Sousa Mendes  
Viseu  
Tel.: 232 410 060  
Fax: +351 232 410 065  
E-mail: info@cvrdao.pt  
www.cvrdao.pt

### Rota dos Vinhos do Alentejo

Praça Joaquim António de Aguiar,  
n.º 20-21  
Évora  
Tel.: 266 746 498/ 266 746 609  
Email: rota@vinhosdoalentejo.pt  
www.vinhosdoalentejo.pt

### Espaço Bairrada

Estação da Curia  
Largo da Estação  
Tamengos, Anadia  
Telm.: 231 503 105  
Email: geral@rotadabairrada.pt  
www.rotadabairrada.pt

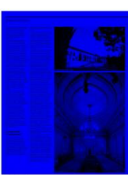
encomadado. Notas relevantes, na opinião do presidente da CVRVV: o enoturismo deve funcionar dirigido pela vertente do turismo, com o vinho a apoiar; é importante o funcionamento em rede - mais do que a existência de um local com visibilidade destacada.

A Casa do Vinho Verde será a porta giratória para toda a região. Um centro de informação e de algum conhecimento sobre o vinho; mas, sobretudo, um espaço onde se poderá estar nos jardins com vista para o rio ou no bar (um apoio que só funcionará dentro dos horários da casa), de preferência com um copo de vinho verde na mão. O resto deverá funcionar em rede. Exemplo? “Aqui é mais importante indicar, por exemplo, o Solar do Alvarinho” do que locais específicos”.

Ao Solar do Alvarinho, portanto, seguindo as “indicações”. Em pleno centro histórico de Melgaço, quase ao lado da emblemática Torre de Menagem, que também funciona como espaço museológico, há um edifício histórico, todo ele granito, que já foi tribunal, cadeia, câmara e até escola. Os residentes e visitantes regulares acabaram por saber enquadrá-lo ao longo do tempo e sabem que desde 1997 o Edifício dos Três Arcos, como também é conhecido, tem nova função, mais vistosa, porventura: é o Solar do Alvarinho.

A iniciativa foi camarária, o objectivo promover e divulgar o Vinho Alvarinho. Na altura, recorda Isabel Domingues, da Divisão de Desenvolvimento Económico da Câmara Municipal de Melgaço e uma das mentoras do projecto, o Alvarinho já estava lançado comercialmente. A câmara resolveu ajudar os produtores e criar um espaço de promoção.

Entretanto, o solar - que deve o seu nome à traça do edifício onde está instalado e ao sol característico destas zonas ribeirinhas que são o berço do Alvarinho, tornou-se sede da Rota do Alvarinho, que saltou do papel para o verde do Alto Minho há pouco mais de dois anos e recentemente se alargou a Monção (onde o Alvarinho habita o “Paço do Alvarinho”). →



## Enoturismo

◀ E, assim, o solar passou também a promover o território de forma mais sistemática. O modelo de enoturismo desenvolvido é “pioneiro” a nível nacional de tal forma que o Turismo Portugal o considera “uma espécie de projecto-piloto”.

Isto pelo modo exemplar como articula a descoberta a forma de todo o território unido pelo Alvarinho, um pouco à imagem do que se faz em Espanha e em alguns outros países europeus, porém “em ponto pequenino” - dada a dimensão da região e do número de produtores. A ideia padrão é mesmo o vinho - que até é, afinal, a actividade principal do concelho - mas não se esgota em visitas a adegas. A rota integra uma série de aderentes de outros sectores (mais ou menos) ligados ao vinho, como a gastronomia, o património, o alojamento e actividades de lazer.

E como tudo funciona, e é promovido, em rede, o Solar do Alvarinho passou, entretanto, a funcionar como uma central de informação também, “um pouco em complemento com o turismo municipal”. “O turista vem e tem uma ideia geral da região”, explica Isabel Domingues. O solar “reunia todas as condições” para que assim fosse - pelo papel já assumido e pela localização central em Melgaço. Todos os turistas passam por ali.

E ali se podem deixar ficar. No bar, em convívio em torno do Alvarinho; na sala de provas, a explorar as diversas marcas com acompanhamento de conhecedores. Podem também passar pela loja e comprar algo para mais tarde recordarem da sua passagem por terras do Alvarinho - vinho, claro, mas também fumeiros, mel e artesanato, por exemplo. Num registo mais formal, o solar possui ainda um “salão-nobre”, diríamos - com tectos pintados em madeira com a justiça “segundo” D. João I - onde decorrem *workshops*, apresentações, mas que também pode acolher exposições temporárias, por exemplo. Montra privilegiada para o Alvarinho, o solar é também uma das portas de entrada na região.

### À espera de “casamento”

“Montra” é também a palavra escolhida para definir o Solar do Dão. Em Viseu, no Antigo Paço Episcopal do Fontelo vive-se um tempo de mudanças. Ou assim se espera. Arlindo Cunha tomou recentemente posse como presidente da Comissão Vitivinícola Regional do Dao (CVRD) e os projectos andam à solta. Alguns deles passam pela dinamização do

paço que desde a década do 90 é Solar do Vinho do Dão - e sede da CVRD.

Quando foi reabilitado o edifício - um projecto em cooperação com a Câmara Municipal de Viseu, depois de décadas de degradação - o objectivo era que albergasse os serviços da comissão e fosse local de promoção do vinho. “Isso foi conseguido”, considera Arlindo Cunha. Mas há ainda caminho para andar, para cumprir integralmente o seu ideal.

No Paço, geométrico a erguer-se depois de vasto relvado, respiram-se vários séculos de história e até Grão Vasco terá ali trabalhado na capela, que entretanto desapareceu - a actual é posterior. Foi quinta de recreio do bispado até se tornar a residência permanente após as Invasões Francesas. Isso duraria até à implantação da república. Depois foi Casa de Reclusão - “memorável” porque aqui esteve encarcerado Aquilino Ribeiro, que haveria e protagonizar uma fuga, e esse facto é assinalado com uma lápide comemorativa (curiosidade: a cela onde esteve preso o escritor é hoje a cabina de provas); e mais tarde oito famílias de “retornados” chamou-lhe casa - na capela cozinhou-se, nos salões havia dormitórios segundo recordações recentes de um ex-morador.

Na verdade, o corpo do vasto edifício está desoladoramente vazio a maior parte do tempo. À parte os serviços da comissão - incluindo os laboratórios e cabinas de provas - que ocupam as alas “menos nobres” do paço, não há muitas actividades permanentes ali e atravessamos um edifício quase fantasma para chegar às salas disponibilizadas à Confraria de Enófilos do Dão, independente da comissão mas com ela mantendo “uma estreita relação”. E até lá passamos pelo impressionante salão nobre e pela capela austera - espaços privilegiados para as acções de promoção dos vinhos e onde, por exemplo, em Dezembro se realizarão as cerimónias de entronização de novos membros da confraria - e depois há mais salas e salões utilizados para reuniões, colóquios ou exposições. Da comissão ou de outras entidades que as utilizam mediante protocolos - o Centro de Estudos Aquilinos, por exemplo, realiza ali os seus serões.

Por enquanto, a promoção do vinho do Dão é quase avulsa, através destas actividades. “Isso já é fonte de divulgação”, diz Arlindo Cunha. “Mas há outras que ainda não existem”, assume. A abertura de uma loja de vinhos de associados e a dinamização da Rota do Vinho do Dão, que terá aqui a sua sede, são “apostas” do novo presidente. A rota é mesmo “uma prioridade”: “Turismo e vinho casam muito bem. Temos de casar”. No Solar do Vinho do Dão espera-se, portanto, casamento em breve. Em “elegante modernidade”, como se lê no material promocional do vinho.



Solar do Vinho do Dão, Viseu



Casa do Vinho Verde



## Bairrada e Alentejo

# Os outros “solares”

Não é um “solar” - em designação ou edifício - mas no que concerne a “solares de vinhos”, “tem as mesmas funções”, avalia Tiago Caravana, director de Marketing da Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA). A sede da Rota dos Vinhos do Alentejo é “uma sala de recepção”, com “várias actividades constantes” e “toda a informação” necessária para uma “viagem ao Alentejo” - afinal, “o turista não vem só para as adegas”.

Este não é o caso apenas do Alentejo. As sedes das Rotas dos Vinhos, que começam a ganhar vida além do papel, têm vindo a consituir-se como pólos de promoção (cada vez mais proactivos) e dinamização. São verdadeiros centros de acolhimento aos turistas sejam eles enófilos ou apenas curiosos das actividades vitivinícolas das regiões. Tudo na perspectiva de produto turístico e cultural.

Para a rota alentejana, o ponto de partida é no centro histórico de Évora, património cultural da UNESCO, onde um antigo convento (de São Domingos) se reconverteu para receber o Alentejo que se vê de um copo de vinho. Não foi por acaso a escolha deste local (a CVRA funciona num edifício novo, nos arredores): aqui é o charme antigo que envolve os visitantes. São cerca de “um milhão” e a CVRA quis “estar junto deles”. E para eles tem exposições constantes ao mundo das castas alentejanas, em jogos de aromas e provas - e vendas: “todas as semanas temos vinhos em prova dos nossos produtores e esses ficam à venda durante um mês” - e a informação sobre as três rotas turísticas do vinho existentes. O apoio ao enoturismo passa ainda pela marcação de visitas a adegas, sugestões de património a visitar, onde comer, onde dormir - “tudo”, resume Tiago Caravana. “Infelizmente”, avança, “a sede não é muito conhecida”.

Na Curia, a antiga estação ferroviária, património classificado, reabriu de cara lavada depois de anos de algum abandono. Está “exactamente como era” e isso significa que ainda lá estão o *guichet*, a tabacaria, as salas de espera de primeira e segunda classe - “Foi uma recuperação

fantástica”, diz Cristina Azevedo... , “a população ficou emocionada. Era um marco da Curia “quando a Curia era a Curia” (ou seja, poiso da classe alta que enchia os hotéis). Porém, agora investem-se de outras funções. O Espaço Bairrada chegou aqui em Abril para dar face à Associação “Rota da Bairrada”, criada em 2006 para revitalizar a então chamada Rota dos Vinhos da Bairrada (fundada em 1995 mas sem dinamização, sem estrutura jurídica) - “queríamos ter um local emblemático na lógica dos solares”. E não há que ter dúvidas: existe para promover a região.

Aqui acontecem muitos dos “Momentos Bairrada”, provas, *workshops* e, até, concertos (mensalmente). Para tal existem vários espaços: uma sala de leitura - temática: a cultura vínica - uma sala de provas, e a sala de “recepção”, que é como quem diz, a de informação e de promoção da Bairrada, onde se expõem e vendem os produtos dos associados, como vinho, artesanato e livros, e os serviços da região - um pouco como uma agência de turismo, marcando, por exemplo, visitas a adegas e jantares em quintas, sugerindo roteiros. E “aqui”, no Espaço Bairrada, “é a sala de recepção dos vinhos da Bairrada” - aqui é onde os associados acolhem os seus visitantes “especiais”.

No futuro ideal, haverá centros de informação nos oito municípios que constituem a rota. No entanto, este Espaço Bairrada continuará a ser o local-pivot de todo o projecto da associação. Quem sabe se terá então o *wine bar*, que está no projecto inicial.



Solar do Vinho do Porto